

A Construção Visual Hollywoodiana da Infância

*Roberval S. Santiago**

Introdução

Não existe se quer um único estudo de análise sobre o cinema que abarque convincentemente toda universalidade da vida real ou imaginária o quão se quer compreendê-la. Se por um lado, o cinema não apresenta uma suposta realidade, por outro, ele chega a propor a reapresentação de focos indiciários de experiências humanas verossímeis, e uma delas é o lugar da infância.

O lugar da infância não é apenas um conceito linguístico igualmente aos neologismos subjetivados modistas que ronda com freqüência os departamentos acadêmicos universitários. Por infância, entendemos que se trata de um conjunto de práticas sociais da vida da criança que, por sua vez, possibilitou estabelecer determinadas etapas de observação e de análise até chegar à introdução de dispositivos discursivos no âmbito da psicologia, da pedagogia, de ações políticas e de legislações jurídicas votadas a proteção e a salvaguarda da criança. Não quer dizer com isto que o lugar da infância preceda a linguagem enquanto discurso da formação do lugar, mas sim uma justa reciprocidade correspondente entre a experiência ativa do fazer e o jogo da linguagem do instituinte.

Há de fato uma linha do tempo que prescreve toda trajetória legislativa de proteção a criança no Brasil: 1891- proibição do trabalho infantil com mínimo CE 12 anos, Decreto 1.313; em 1919 surgiu na Inglaterra a entidade **Save the Children** para proteger as crianças vítimas da 1ª Guerra mundial; em 1923 criação do primeiro Juizado dos Menores no Brasil; no final de 1927 aconteceu a promulgação do Código de Menores no Brasil que estabelecia a idade mínima de 18 anos, legislação que ficou conhecida como o Código Mello Mattos; por volta de 1946 surgiu a criação do UNICEF - O Fundo das Nações Unidas - entidade internacional voltada para a Infância e adolescência. Os primeiros programas do UNICEF forneceram assistência

* Professor do Curso de História da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

emergencial a milhões de crianças no período do pós-guerra na Europa, no Oriente Médio e na China.

Falar de representação da Infância não seria possível sem considerar a magistral obra do historiador francês Philippe Ariès **História Social da Criança e da Família**. Através de sua estrutura teórico-narrativa temos de imediato o contato com uma produção historiográfica reconhecidamente em todo mundo acadêmico como o trabalho pioneiro que possibilitou a produção de muitos outros textos do gênero.

Quanto ao mérito de sua publicação, a série da primeira edição brasileira, ocasionalmente acabou sendo uma limitada tradução de uma versão francesa de 1973, tendo sido acompanhado de um resumo versado nas reflexões intelectuais de um brilhante estudo original que foi publicado por volta do ano de 1960 pelo autor. E tão logo livro foi lançado, ganhou o pronto e inteligente acréscimo de um novo prefácio, no qual o próprio historiador francês Philippe Ariès traz, a partir de suas viagens e encontros acadêmicos um verdadeiro balanço das repercussões e das críticas que o seu trabalho despertou em todos os recantos que fora acolhido.

Dentre essas inovações desse tipo de escritura está a abertura para o estudo do cotidiano do homem comum assim como tantos outros temas que até então estavam reservados aos estudos da Sociologia, Geografia, Semiologia, Psicologia, Literatura, Pedagogia, Lingüística, Arquitetura Antropologia e de novos objetos tais como a alimentação, o medo, o corpo, o mito, a morte, a sociabilidade e até a infância.

Ao certo que este ramo de produção historiográfica recebeu a atenção de novos especialistas que possibilitaram a inclusão de uma multiplicidade de novos documentos materiais como as correspondências privadas, as gravuras, os álbuns de fotografia, o vitral-afresco, a pintura caseira e cênica, o diário pessoal, a música, o cinema, o livro, os diários de correspondências oficiais entre outros objetos.*

* Organizados por Jacques Le Goff e Pierre Nora, essas temáticas encontram-se na série de livros História: Novos Problemas; História Novas Abordagens e História Novos Objetos, todos publicados no Rio de Janeiro pela Ed. Francisco Alves, em 1989.

Aproximadamente no final da década de 60, a História Nova ganha uma pluralidade de tendências, entre as quais está aquela que ficou conhecida como a História das Mentalidades. Dentre os objetos de pesquisas se destacou os temas voltados para a formação da mentalidade, igualmente a da sensibilidade burguesa, muitos desses novos autores, na intenção de tentar elucidar essas diferentes visões de mundo, frente às novas conceituações que permitissem visualizar os estilos de vidas do mundo moderno, se destacou o trabalho do historiador Philippe Ariès.

Os estudos de Philippe Ariès sobre a infância nos trazem dois fios condutores elucidativos que vão nos ajudar a compreender o lugar histórico da criança e da infância.

O primeiro é a constatação imediata de que havia no curso de toda história ocidental, notadamente, no mundo letrado, a inquietude de uma plena ausência do sentido de infância tal qual hoje o configuramos. O segundo fio dessa teia intrincada é que uma análise que permita visualizar o novo lugar representado pela criança assim como a família burguesa nas sociedades modernas traz injunções subseqüentes a respeito de que a representação do próprio conceito de infância está essencialmente incorporada às demais formas de atividades políticas, sociais, culturais discursivas, interlocutadas pelos mais diversos setores da sociedade. Por fim, a conjugação de práticas sócias a aliados a outros elementos de ordem psicológica possibilitaram tanto a recorrência de uma nova mentalidade na formação de uma nova sensibilidade ajudou a promover a produção do gênero chamado *Criança e Infância*.

Adespeito dessa constatação, o que dizer diante do fato de que as crianças sempre existiram uma vez que a infância é o momento que precede a vida adulta? Nesse aspecto, é preciso entender que à visão de mundo de que existe um universo infantil surgiram na observação de como agem as crianças quando estão longe dos olhos disciplinador dos adultos.

O estudioso Bruno Bettelheim, em sua obra **A Psicanálise dos Contos de Fadas**, defende a tese de que o lugar da infância é também o lugar da imaginação e da suscetibilidade da formação emocional da criança. O autor faz uma detida análise das historinhas fabulosas e dos contos de fadas que, de tão acessível, acaba penetrando facilmente no imaginário infantil. Para ele, essas narrativas, contadas para as crianças como modelo de ensinamentos, na verdade, podem dificultar ou até ajudar nas resoluções de problemas, principalmente no que se refere ao desenvolvimento emocional. Por outro lado, Bettelheim defende a idéia de que o interesse das crianças pelo universo fantasioso dessas histórias podem nos ajudar a compreender os modos disfarçados de inclusão da realidade e de tantos outros conflitos que os rodeiam.

Por certo, antes da modernidade não havia a criança ou adolescência tais quais os conceitos se associam a idéia de infância da forma que a conhecemos hoje em dia. O que havia de fato era a figura do Homúnculo. Uma espécie de homem pequeno que fazia as tarefas domésticas assim como os trabalhos campestre de acordo com a estrutura física e a sua força muscular.

Em todo caso, para o historiador Philippe Ariès o que está em jogo é o aparecimento do que constituiu a representação de infância enquanto sujeito histórico específico. A infância como entidade social cercada de zelo e de momentos pueris cujos lugares se alternam entre o mundo lúdico e a formação de sua a preparação e o seu treinamento para o mundo adulto, para nós, considerando tudo o quanto já produzido a esse respeito, o mais nos interessa é a possibilidade de identificar e mapear algumas práticas sociais que geraram uma nova sensibilidade e que possibilitaram a consolidação do referido conceito. Para nós, francamente ao alcance do nosso olhar investigativo, elegemos a produção cinematográfica como um dos aportes artísticos que ajudaram a formação de visibilidade representativa de um dos momentos da vida do homem chamando de Infância.

Segundo Ariès, o instante de transição do século XVII para o século XVIII, a idéia de que a infância será marcada quando alguns agentes coletivos descubrem que o ser criança passa ser definida como um período em toda

ingenuidade e fragilidade daquele ser pequenino deve receber todos os incentivos possíveis para sua felicidade e a sua preparação para o futuro começa prontamente a se definir.

Segundo suas pesquisas, o começo de tudo se deve tanto o ato de mimar como aquele que se também desprendia no ato de fazer paporicos às crianças, muitas vezes vistas como meio de entretenimento dos adultos, principalmente dos membros da elite letrada da época. O aparecimento de novas Atitudes que desencadearam um novo olhar diante do fenômeno da morte de um familiar ou de alguém mais próximo. Esse sentimento, passou a ser recebido com dor e abatimento. Assim com outras ações de sociabilidades e de sentimentos acabam ganhando contornos no final do século XVII.

Philippe Ariès ainda nos informa que a família da Idade Média que não tinha em consideração os conceitos de infância e de adolescência cuidava de ocupar os filhos com as tarefas cotidianas. Nessa época, se tratava de grupos familiares numerosos, os quais viviam juntos no mesmo espaço físico e dividindo os mesmos bens de usos pessoais. Os Grupos familiares eram compostos pelo pai, a mãe, os cunhados, os enteados, os tios, os sobrinhos os primos, os amos, os criados, os velhos e, finalmente, as crianças. As pesquisas constataram ainda que a elevada taxa de mortalidade infantil, maternal e masculina, assim como as lutas eventuais, as batalhas senhoriais e as grandes catástrofes, possibilitavam, para os homens adultos, a adesão de novos laços familiares pelos segundos casamentos. Incluindo também, o agregamento dos parentes de ambos às famílias.

E para tentar evitar a promiscuidade assim como a manutenção da ordem social com os laços afetivos, permitindo com que as crianças ingressassem noutras famílias, os filhos saíam de casa dos pais muito cedo, entre os dois e os quatro anos de idade, para servirem aos serviços domésticos os quais, mais tarde, deviam aprender um ofício para se tornarem adultos responsáveis pela sua própria manutenção. E apesar de a criança estar propensa ao paporicado e das brincadeiras por parte da mãe, nos primeiros anos de vida, ainda por ser vista como um animalzinho engraçado por parte do restante da família, a sua passagem pela

vida pueril era breve e totalmente insignificante. E se uma das crianças nascesse com problemas mentais, problemas físicos, ou chegasse a morrer, como muitas vezes acontecia, as crianças menores, as mais próximas, ficavam encarregadas de cuidar em preparar as outras crianças para assumirem as demais tarefas domésticas voltadas as suas disposições físicas.

Por volta dos meados do Renascimento, as perspectivas sensível-sensoriais começam também a transitar para a formação de uma nova moral, cujos elementos, sob a influência de um movimento promovido pela Igreja católica e protestante, seguido por um conjunto de leis promovidas pelo Estado, dos quais a educação escolar ganha um fecundo terreno, terminou por compor novos aportes conceituais e costumeiros em reconhecer a criança tal qual sua pureza e a sua inocência que precisa de todo apoio tanto da família quanto da sociedade de um modo geral.

Se Philippe Ariès concluiu que as práticas sociais dos séculos iniciadas no XVI e XVII permitiram o aparecimento de uma nova visão a respeito da criança, podemos comprovar que ninguém mais imaginativo do que Jean-Jaques Rousseau, o qual desenvolve a tese de que a criança é, por natureza, uma figura frágil, um ser delicado e puro, que acaba sendo corrompido pelas artimanhas da sociedade competitiva em voga, foi o ensaísta pioneiro nesta questão.

Tendo em vistas as preposições de Philippe Áries de que a representação da infância é uma razão de sociabilidade moderna, o nosso texto foi produzido a fim de atender, em primeiro lugar, a interlocução do Mini-Curso do mesmo título, o qual está baseado na intenção de identificar e mapear a construção imagética visual do *Cinema*, enquanto produto cultural, como um dos mais fortes agentes responsáveis pela formação de visibilidade histórica do lugar social da criança, igualmente, a representação sociocultural de um dos momentos mais delicado da vida que passou a ser reconhecido como o lugar da infância. E, no interesse de ilustrarmos as nossas proposições, no decorrer do texto, apresentaremos recortes de algumas obras cinematográficas que consideramos pertinentes ao tema.

É claro que podíamos acrescentar muitos outros artefatos visuais e propagandistas que ajudaram a formação e a composição da vida pueril, como foi o caso dos retratos do nascimento e da adolescência de o Rei Luiz XIV ou até mesmo as pinturas clássicas de **Pieter Bruegel**, seguidas pelas de **Manet** e de **Monet** entre outras produções artísticas. Mas, porém, não percamos o lugar e a hora do desafio. Assim, diante de nossa proposição inicial de que o Cinema ajudou na formação da imagética de que o lugar da criança é o mesmo endereço da infância, precisamos de um contraponto que também possibilite encontrarmos o fio-condutor de outra conjectura: **a de que a escola nem sempre foi o lugar ideal que ajudou na delicada invenção da criança e muito menos, da infância**. E para reforçar os pilares do nosso argumento de que a escola moderna, tal qual hoje a conhecemos, chegou tardio ao encontro do mundo lúdico-infantil, recorreremos analisar algumas preciosidades literárias, principalmente aquelas que foram levadas ao cinema, dentre elas **Oliver Twist** de Charles Dickens, **Tom Saweyr** e **Huckle Berry Finn** de Mark Twain, **Como Era Verde Meu Vale** de Richard Liewellyn, **Pinóquio** de Carlo Callodi. Enfim, um conjunto de obras que foram publicadas no auge da cultura clássica do século XIX.

Divirtam-se...

A Relação Infância & Cinema

Historicamente os registros comprovam que o Cinema surgiu na fulgurante Paris da segunda metade do século XIX, tendo sido apresentado ao público, precisamente em 28 de setembro de 1895, pelas mãos dos irmãos agentes artísticos e inventores Auguste Lumière e Louis Lumière, como resultado das pesquisas físicas, óticas e mecânicas que teve como base criativa os precedentes visuais provocados pela fotografia. Tão logo batizado de Cinematógrafo, os fotogramas em movimentos, prontamente ganhou prestígio e fama no mundo da diversão e do entretenimento (cafés, teatros, circos entre outros eventos públicos) das grandes cidades do ocidente. Mas o cinema não é só um ambiente de diversão, lazer e

entretenimento, é também uma ferramenta pedagógica e, ao mesmo tempo, um meio de expressão que pode nos ajudar a compreender as urdiduras e os pontos que compõe algumas malhas de interseções da vida moderna. O cinema é por excelência, uma composição artística narrativa, um meio de interlocução que, por um lado, conta uma história, e por outro, acaba sendo recepcionado por uma platéia que pensa, sente e desafia as convenções de ressignificações simbólicas apresentadas na telona.

Nesse aspecto, se de fato o cinema não é um meio de expressão neutro, por sua vez, o espectador também não pode ser visto como um agente passivo que tudo aceita sem refletir e argüir.

Começemos com uma questão: *há de fato um diálogo entre a Infância e o Cinema?*

Afirmamos que sim. Se o filme cinematográfico é uma mensagem que tem o seu lugar discursivo que tem prerrogativas de poder, conseqüentemente, o discurso de que existe um lugar destinado à infância, de certo modo, também não pode ser um suposto lugar que realmente exista como tal. A infância, assim como outras questões que são resultantes de um conjunto de práticas sociais é de natureza histórica. E como tal, ele ganhou corpo à medida que, ora foi sendo inventado, ora foi se reinventando. Assim, a invenção da infância se apresenta, a priori, como uma trajetória complexa traçada de êxitos e fracassos, igualmente, a todas as convenções de sociabilidades que o homem criou.

Já se tornou lugar-comum a idéia de que muitos estudiosos do cinema, de todas as partes do mundo, quando se deparam com esta temática apelam em assinalar que a infância como uma parte da vida do homem repleta de inocência, amizade, fantasia, surpresa e tantos outros sentimentos e atitudes. Contudo, é bom destacar que tudo isto existe, as histórias cinematográficas estão cercadas dessas nostalgias, mas o cinema não se redimiui a apenas estas questões. Então, seria louvável dizer que as fitas das telonas têm tratado da infância de várias formas e até por parâmetros sociais que o coletivo só acabou se dando conta depois que se tornou um filme de sucesso.

Na qualidade de produto cultural, os filmes, são capazes de refletir e revelar as mais secretas camadas de contextos em que eles foram produzidos. O filme, muitas vezes, nos ilustra os refluxos históricos de intolerâncias religiosas e repressão às minorias. Eles são capazes de retratarem ínfimos sucessos assim como os grandes fracassos de pessoas, também são capazes de nos mostrar as misérias sociais da vida moderna, os arbítrios políticos e até de solidão que sentimos em meio à multidão. Os filmes são capazes de desafiar a imaginação assim como são capazes de promover sonhos e trazer esperanças para aqueles que se dispõem a assisti-los...

E pensando dessa forma, um proposto alvo do Mini-Curso, o trabalho tende a ser o de analisar uma variedade de recortes de filmes que mostram como as crianças, assim como a noção de infância ganhou novos contornos de representação e visibilidade através das películas ficcionais, sobretudo, as que foram rodadas nos estúdios de Hollywood. Ao observarmos, na trilha dos enredos, as histórias que os filmes contam, dispostas por um conjunto de linguagens intencionais, retratam os gestos em movimento, também expostos num mosaico de prerrogativas discursivas que se enveredam por ordens de orientações políticas e ideológicas relativas à dimensão da pluralidade cultural, bem como a gama de interações que denotam o quanto o Cinema, assim como tantos outros meios de comunicação, serviu como um processo de Educação de Sentidos a respeito da idéia que se tem de infância.

Nesse sentido, acreditamos que o cinema pode nos ajudar a compreender o mundo da infância e da vida das crianças em seus modos próprios de sentir, pensar e agir, bem como as concepções de infância que orientam a forma como as crianças e os adultos podem se relacionar no manifesto do dia-a-dia de modo mais profícuo.

Os filmes são feitos para pensar, e neste caso, considerando que eles também podem ser compreendidos, igualmente, como recursos didáticos capazes de nos possibilitar uma visão que nos revele as dimensões de experiências de no recanto da natureza estética, no campo da sensibilidade, na área de criatividade e da reflexão crítica de quem somos e do que queremos vir a ser.

Os filmes são caixinhas de surpresas...

Cinema & Infância

Se de fato não existe uma única visão que se tem da infância, com certeza, a recordação que se tem da infância na escola é coisa bem recente. Daqui por diante vamos destacar algumas obras literárias que foram recepcionadas por inúmeras versões cinematográficas que assinalam episódios que tratam a recusa da escola como ambiente em que infância chegou tardio.

A delicada imagem da infância é polissêmica de sentidos conforme o ponto de vista que o narrador se encontra. Em muitas instâncias, a infância pode ser um lampejo de recordação de momentos sublimes e delicados, mas de outro modo, ela pode também representar a busca desesperada para além das brumas do esquecimento.

A infância não é só uma imagem que reflete, involuntária ou voluntariamente, na memória dos adultos como de fato se passou, muitas vezes, a memória projeta momentos desejados daquilo que não aconteceu, mas que poderia ter sido. Isso porque ela é parte integrante de experiências vivenciadas ou desejadas, harmônica ou dolorosa, o que por sua vez, escrita ou falada, está comprometida. Nenhuma memória é neutra. Quando se fala infância, se fala de pessoas, se fala também de vidas humanas cheias de virtudes, vícios, fraquezas, erros e acertos. A infância é um breve lugar da vida onde tudo pode acontecer e, até se tornar o melhor ou pior lugar do mundo.

Se a vida real das pessoas imita a arte, o fato é que, longe dos holofotes, preso ao breu da madrugada, tal qual o personagem do filme, o jovem Pixote, na época com dezenove anos, acabou por repetir o antigo círculo de violência que cerca a vida das crianças que estão jogadas a própria sorte nas ruas das metrópoles Brasileiras.

Com a chegada da modernidade, á medida que a sociabilidade foi desenvolvendo, percebeu-se que a dimensão de tempo, espaço e ritmo das crianças

e adultos são bastante diferentes. Enquanto as crianças são obrigadas a irem à escola, para os adultos, resta-lhes a escravidão do relógio medindo miríades de preocupações. Em vista disso, o desejo de ser criança outra vez tornou-se quase que uma obsessão. Diante disso, podemos compreender a febre de sucesso que alguns setores do mundo artístico conquistaram com a simulação infantil. Essa tradição vem dos artistas circenses, principalmente, os anões travestidos de palhaços. Para o público infantil, não importa que eles sejam adultos, o que importa mesmo é a diversão verossímil. Do centro do picadeiro, esses pequeninos artistas conquistam facilmente a atenção das crianças com suas travessuras pueris. A indústria cinematográfica não perdeu tempo na exploração desse mercado, assim como a televisão. Poderíamos citar inúmeros trabalhos expressivos dessa ordem, mas preferimos optar alguns comentários a respeito da série televisiva inglesa de **Mister Bean**.

Mr. Bean é uma série humorística que foi rodada, desde 1990 a 1995, pela Independent Television, sendo protagonizada por Rowan Atkinson. Durante os cinco anos de exibição o seriado conquistou recordes de audiências mundo afora. Recepcionada por dezenas de prêmios internacionais, coube aos produtores complementarem a série em formas de desenhos animados.

Suspeitamos que o notável sucesso do seriado se deva ao fato de que os episódios são de curta duração e de fácil acessibilidade. A figura de Mr. Bean é plenamente agradável, divertida e capaz de simular aquela ingenuidade que beira as brincadeiras infanti-juvenil. O fato é que a expressão brincante de Mr. Bean e de outros personagens, as quais, muitas vezes, não exigem a interlocussão do diálogo, mas sim, o puro atrevimento de que simular-imitar travessuras de crianças por meios de pantomimas, rendeu e ainda rende boas risadas.

Quando nos deparamos com o sucesso grandioso da série televisiva **Mister Bean**, ficamos a imaginar se o cinema é de verdade uma diversão que serve apenas para entreter o público ávido por se divertir conforme o gosto pessoal, ou ele depende unicamente da criação que precede o espetáculo exibido. Isto é, tendo em vista que o cinema tem outras dimensões ideológicas camufladas, o crítico de

cinema Ismail Xavier, chegou a propor que os filmes de sucessos sejam sujeitos a uma análise crítica cujo efeito da janela visual deve considerar não só as virtualidades próprias da história-imagem, mas ainda, as prévias condições enredo-psíquico de sua preparação e recepção junto ao público programadamente preestabelecido. Nesse caso, o aspecto central na teoria dispositiva do vínculo entre todo aparato técnico e a prévia formulação ideológica direcionada ao perfil de um tipo de platéia deve ser considerada, em última instância, o percurso junto ao público que o filme pode causar.

Já dissemos que a infância não é só um lugar da pureza, mas também um terreno profícuo a outras possibilidades. Durante muito tempo a parapsicologia busca explicações racionais para entender todos os tipos de fenômenos espontâneos que vêm ocorrendo pelo mundo. E de fato há muitos fenômenos que além serem polêmicos, muitos deles desafiam canônicos conceitos clássicos da psicologia, da física, da química e até da religião: premonição, clarividência, telepatia, levitação entre outros. Há milhares de estudos voltados aos fenômenos de paranormalidade em andamento nos centros especializados.

Por sua vez, o que se tem visto na tela do cinema é um conjunto dessas experiências são representadas com uma abrangência e variedade de imagens que repercutem nas pessoas, independentes das condições sociais, de gênero sexual e de idade. Há muitos relatos históricos sobre isto, o episódio de Cassandra quando previu a queda de Tróia, é um bom exemplo desse expediente.

Mas, se a paranormalidade ainda é uma vicissitudes de experiências fora do comum ainda pouco compreendida, conseqüentemente, devido aos mistérios que as cercam ela acaba atraindo atenções de curiosidades. E no caso das experiências com crianças, os mais variados registros de ocorrências, comprovam que as atenções são redobradas. Mas também é fato que muitas experiências sensíveis presentes na infância são imperceptíveis para os adultos que estão ao redor. Do cinema da década de 1970, duas obras-primas se destacaram: **Carrie, A Estranha** e **O Iluminado**.

E no que se relaciona a infância, a idéia de criança perfeita também aconteceu na literatura e no cinema, quero dizer, acho que a série de obras que tem o garoto **Harry Potter** como protagonista-herói é bastante recorrente a conjectura levantada. E digo isto no termo mais positivo do que a palavra pode descrever. Todas as crianças do mundo querem ser Harry Potter, e sabe por quê? Porque Harry Potter não é uma criança de verdade, ele é uma projeção idílica que consegue conjugar e reunir todas as virtudes que o lugar infância deveria ocupar com zelo.

Harry Potter não mente, não engana, não trai, não é soberbo nem tão pouco insípido, nem dissimula qualquer traço de ambigüidades compulsivas, vícios que, muitas vezes, acabam sendo camufladas quando se fala da infância. Harry Potter é amigo, corajoso, fraterno e solidário, isto por si só, já são grandes virtudes que o transformam num modelo desejado e provocativo.

A série de livros contando a s aventuras do pequeno bruxinho de onze anos, Harry Potter, foi lançada em 1977 pela escritora britânica J. K. Rowling, se tornando, tanto um Best-Seller milionário, quanto um filme arrebatador de críticas e de bilheterias. Na verdade, a aventura de **Harry Potter e a Pedra filosofal** foi á primeira obra que chegou ao cinema em 2001. Dirigido por Chris Columbus, estrelado por Daniel Radcliffe, Emma Watson e Rupert Grint, o filme rendeu milhões de dólares em todas as salas de cinemas do mundo.

Quanto aos enredos das histórias, é bom lembrar que boa parte das narrativas se passa na famosa-oculta Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Apesar de que Harry Potter ser orfão e tenha sido criado por parentes malas-sem-alças, a moral de sua pureza e de sua iluminada ingenuidade permaneceu intocada. Os focos principais dos conflitos dessas histórias se dão quando o garoto, durante as batalhas, consegue evocar a notabilidade do seu caráter virtuosos junto à magia do bem. Certo disto, vamos todos ao cinema sabendo que ninguém vence Harry Potter. E isto é fabuloso e também penetrante! Em todas as histórias, o bruxinho nos prova que o Mal nunca vence o Bem.

Harry Potter reapresenta a força viva de que não podemos esquecer os modelos de virtudes que foram cultivados e seguidos por todas as sociedades em todas as épocas.

E falar disto, diante das sociedades modernas que cultivam a competitividade a todo custo, é uma dádiva de esperança para todas as crianças e todos os adultos que acreditam quem nem tudo está perdido, e que ainda podemos fazer, não só o lugar da infância, como também a transformação do mundo num lugar melhor para se viver.

Há pouquíssimos filmes em que a escola aparece como o lugar infantil do desenvolvimento da subjetividade da infância. Boa parte deles se refere à escola tal qual uma instituição cujas normas disciplinares inibem o espírito da brincadeira.

Mas quando se fala de representação infantil, é bom lembrar quando os adultos se deparam diante de suas memórias pessoais, um dos aspectos mais delicados que lhes incomodam, é sem dúvida a lamentável perda da inocência. Diante dessas questões ninguém pode esquecer **O Pequeno Príncipe**. Trata-se de um livro clássico que, certamente, destaca a procura da pureza no recanto da inocência. Escrito e ilustrado por Antoine de Saint-Exupéry, tão logo levado às telas, fez muito sucesso de público e crítica.

A narrativa conta a história de um pequeno príncipe que chega às areias do deserto do Sahara e faz amizade com um piloto perdido. Sob a luz do sol escaldante, com os olhinhos voltados para as estrelas, a pequena criança contagia toda platéia instigando-nos a pensarmos na promessa de que vale a pena ser criança outra vez. Escrito em 1943, **O Pequeno Príncipe** conta com poesia, a história mágica de um menino e um piloto, que, apesar de se encontrarem perdido nas grandes dunas do deserto, se mostram capazes de formar uma bela amizade.

O filme ainda denota o espírito brilhante de que o cinema, reavivado pelas canções de Alan Jay Lerner e Frederid Loewe, abriu de fato uma fonte marcante de visibilidade sobre a eterna busca da inocência perdida no rosto dos adultos que evocam suas memórias discorridas e momentâneas. Dirigido por Stanley Done no ano de 1974, estrelado por Richard Kiley, Steven Warner, Bob Fosse e Gene Wilder,

o filme é uma obra-prima que conta a história de encontros que parecem impossíveis. Entre canções de encontros e despedidas, embora o piloto se sinta amargo diante de um mundo varrido pela guerra, ele logo descobrirá aquele encontro com um menino, vindo de uma estrela desconhecida e distante, será o reencontro com a criança que ainda existe no seu coração. Para todos nós que um dia foi criança, atentos às vicissitudes do solitário aviador e do seu amiguinho príncipe, nada resta a não ser recordar o quão as velhas brincadeiras de pular, cantar, dançar e se divertir nos encanta e toca o coração.

O medo que muitos adultos têm do escuro é tão antigo quão pode os lapsos das memórias vir à tona. Esse medo merece um breve comentário. Carregada de sistemas de resistências, a atitude defensiva que esses adultos apreenderam a se esquivar do medo trazido pelo breu das noites escuras e de pouco sono, tornou-se mais presente à medida que a sua astúcia inocente, combate, bem no centro do território da mente, aquelas terríveis criaturas que havia muito acompanhavam as cores dos sonhos e da imaginação criativa que possuem todas as crianças.

O estilo pode ser exageradamente florido, mas a anedota me parece familiar. O homem disse a um velho poeta: *quando eu era menino fazia coisas de menino, quando me tornei adulto faço coisa sem perceber*. E poeta pausadamente lhe respondeu: *tenha cuidado, porque assim você não vai servir para muitas coisas...* O tempo passa sem que sequer percebamos o correr das horas. E quando nos damos conta, a criança se foi. Depois descobrimos, às duras medidas, que o amadurecimento tem um preço, a perda da inocência.

Esperamos que as nossas conjecturas, seguidas do esforço de argumentações, tenha contribuído para alimentar novas instigações e novas proposituras de análises-reflexivas a respeito do tema.

Bibliografia

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1978.

- BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1989.
- BURLLE, Theodore L. *Os esquecidos da Calçada da Fama de Hollywood*. Petrópolis: Vozes, 2004
- CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix, 1987.
- CASTRO TEIXEIRA, Inês Assunção. *A Escola vai ao Cinema*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- CASTRO TEIXEIRA, Inês Assunção de, LARROSA, Jorge, LOPES, José de Souza Miguel (Orgs.) *A Infância Vai ao Cinema*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: UNESP, 1999, p. 230.
- CARLSON, U e FELITZEN, C (orgs). *A Criança e a Mídia: Imagem, Educação e Participação*. São Paulo: Cortez, Brasília, UNESCO, 2002.
- COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- CHAPLIN, Charles. *Minha Vida*. São Paulo: José Olympio, 2005.
- DEL PRIORE, Mary. *Historia das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.
- DUARTE, R. *Cinema & Educação*. Belo Horizonte, Autêntica, 2002.
- GRIMM, Irmãos. *Contos de Fadas*. 4. ed. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2003.
- HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o Breve Século XX: 1914 – 1991*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- LOUZEIRO, José. *Infância dos Mortos*. São Paulo: Circulo, 1988
- METZ, Cristian. *Linguagem e Cinema*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- MERTEN, L.C. O Cinema e a Infância. In: ZILBERMANN, R. (org.). *A Produção Cultural para a Criança*. 4ª ed. P.A., Mercado Aberto, 1990.
- POSTMAN, M. *o Desaparecimento da Infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- RODRIGUES, Chris. *O Cinema e A Produção. Para Quem Gosta o Que Fazer Cinema*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SCHNEIDER, Stevem Jay. *1001 Filmes Antes de Morrer*. São Paulo: Sextante, 2008.

TRUFFAUT, F. *Reflexões sobre as Crianças e o Cinema*. In: *O Prazer dos Olhos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

VENTURINI, Orson. *Infância e Cultura de Massa*. São Paulo: Saraiva, 2007.

VOGLER, Chistopher. *A Jornada do Escritor*. Rio de Janeiro: Ampersand, 1997.

XAVIER, Ismail. *O Discurso Cinematográfico*. Paz e Terra, 1984.